

## Preço da assignatura

Anno . . . . .	1\$300 rs.
Semestre . . . . .	650 "
Numero avulso . . . . .	30 "

A correspondência relativa á administração deve ser dirigida a Antonio Luiz da Silva Dantas e a relativa á redacção ao director de *A Restauração*.

Redacção, Administração e Typographia

Rua de Payo Galvão — Typographia Minerva

# A RESTAURAÇÃO

## SEMANARIO CATHOLICO

## Preço das publicações

Annuncios e comunicados, linha	40 rs.
Repetição, por linha . . . . .	20 "
No corpo do jornal . . . . .	100 "

As obras litterarias, quando o mereçam, annunciam-se em troca de um exemplar.

Editor responsavel

José Maria Nunes Guimarães

### EXPEDIENTE

Estando prestes a terminar o primeiro trimestre do segundo anno de *A Restauração*, vai proceder-se á respectiva cobrança. Rogamos a todos os senhores assignantes o obsequio de mandarem satisfazer, logo que lhes apresentem o respectivo aviso. Maior favor seria que mandassem pagar quanto antes por qualquer via, que nos poupasse as despêsas e trabalhos da cobrança. Estes pedidos fazêmo-los ainda com mais instancia aos senhores assignantss, que estão em dívida de todo ou parte do primeiro anno.

E' facil de comprehender que uma publicação como esta vive exclusivamente do preço das assignaturas, ou então á custa do bolso da empresa; a qual, não sendo os pagamentos pontuaes, se verá obrigada a accumular o trabalho, inteiramente gratuito, da redacção com sacrificios pecuniarios. Esperamos pois que este nosso pedido seja bem recebido pelos nossos assignantes.

### Tabacos

A novação do contracto dos tabacos é questão de assumpto tam vasto, complexo e palpitante, que todos podem occupar-se della, sem que ninguem tema esgotá-la ou torná-la uma simplez vulgaridade importuna e obediante.

E' um problema nacional da mais alta importancia e de enorme alcance para a nossa reabilitação financeira; deve ser discutido apenas á luz do mais

conscencioso criterio, com a maxima seriedade e unicamente com o fim de se concorrer de alguma maneira para o maior bem e mais largos beneficios que o pais deva e possa auferir da nova convenção que o governo tem de ultimar com alguma companhia financeira.

A' critica que ahi se está a fazer na imprensa de quasi todas as côres — e principalmente na imprensa furta-côres — terão presidido estes principios, haveram servido de guia estas normas e de inspiração estas ideias?

Diga-o quem desapaixonadamente tem acompanhado o evoluir da campanha, de parte a parte sustentada com violencia e nutrida com inusitado calor.

Surgir-nos-ha por ahi um negócio escuro e vergonhoso, com suas affinidades com casos como o do Panamá?

Parece que disso procuram convencer-nos os amigos da Companhia dos Phosphoros e inimigos da Companhia dos Tabacos; parece, todavia, que nada autoriza semelhante opinião, como nada se ha ainda adduzido que force a nossa razão a aceitar incondicionalmente os virulentos combatentes que, sem contemplações algumas nem respeito nenhuns pelo nome de instituições ou individuos, aggridem furibundamente o governo.

E já que fallamos no governo, é do nosso dever accentuar desde já que não o vimos defender, assim como que não temos com elle ligações partidarias de qualquer especie.

Esta questão dos tabacos, questão de magnitude vitalissima, deviam os competentes tratá-la com serenidade e sem paixões de ordem partidaria ou de peor ordem ainda: estadistas, financeiros, juriconsultos e economistas têm nella largo campo de trabalho, de cultura e, enfim, de colheita proveitosissima.

Sob esses aspectos primaciaes é que ella devia ser apreciada, discutida e ultimada.

Mas, ao contrário, um assumpto de tamanha importancia é debatido sob a influencia directa, ostensiva e dominadora, da parcialidade politica, da ganancia de grupos financeiros e talvez doutros interesses de peor especie e mais tórpes ainda.

E seja-nos licito protestar contra o facto, devéras insolente e triste, de andar neste momento certa imprensa a sustentar uma porfiada campanha de diffamação e de descrédito contra o nome respeitado de um homem público que, através da sua longa carreira politica, soube manter sempre a coberto de desdouros e insinuações malevolas a sua honra pessoal e a sua respeitabilidade profissional de estadista e de politico.

E', realmente, lamentavel e indecoroso que um nome com tamanhas e tam longas tradições de honestidade, como o do sr. José Luciano de Castro, ande, na velhice, na decrepitude prematura desse homem, arrastado

pela lama das deturpações vis e das allusões infames, por entidades e individuos de reputação muito duvidosa e de moralidade muito suspeita. (1)

Contra semelhantes attitudes de certa imprensa, para nós de bem ruim significação, protestamos, e fazemo-lo com energia e com enojadissima indignação.

Os jornalistas portugueses não devem defender companhias ou quaesquer entidades financeiras, que na operação dos tabacos tenham interesses; têm apenas obrigação de estar na brecha pelos direitos do pais!

A Companhia dos Tabacos como tem cumprido as clausulas do contracto que está a findar?

Merece, por esse facto, a nossa confiança, as nossas sympathias e, consequentemente, o nosso apoio?

E a Companhia dos Phosphoros, que é de hontem e já está riquissima, como tem satisfeito os seus compromissos para com o Estado, para com a nação e para com o povo português?

Parece-lhes que tem sido honesta nos seus procedimentos, fiel aos seus contractos, primorosa nas suas relações com a sociedade?

Houve tempo em que toda a imprensa do pais a proclamou-lhe, e disse a razão por que o fez: por as caixas não terem o número legal de phosphoros e por a companhia não fabricar e vender lumes baratos, os phosphoros dos pobres, como lhe incumbem por disposições do seu contracto com o Estado!

Aquelles que defendem a Companhia dos Tabacos e os que defendem a Companhia dos Phosphoros, antes que o fizessem, de-

(1) Não pôde estar no pensamento do nosso bom amigo e illustre collaborador absolver, nestas phrases, os erros da vida pública do sr. conselheiro José Luciano de Castro; tal não permite a evidência dos factos e o criterio independente e esclarecido do escriptor.

Combatendo os desmandos duma campanha mal intencionada, desde ao campo exigido pela condição dos adversarios, usando da linguagem por elles consagrada, para lhes estranhar que, abrindo odiosa excepção, vejamos defeitos onde costumam ver virtudes, movidos pelo intuito perverso de alicercar sobre as ruínas da reputação que agora ferem, os seus interesses particulares ameaçados.

Verberar os erros da vida pública dum estadista é um direito e muitas vezes boa obrigação: mas fazê-lo, não para o corrigir ou para prover ao bem commum, senão para favorecer interesses particulares, é de menos recta intenção. Quando porém, ultrapassando a esphera da vida pública, se entra na vida particular, chegando-se talvez a exaggerar ou inventar defeitos, é desordem intoleravel. Nem a boa intenção justifica uma acção má, nem uma acção pôde ser boa sendo praticada com má intenção: ora na campanha de descrédito, a que o artigo se refere, se ha infelizmente uma parte que só tem o mal da intenção, ha outra, que, embora fosse boa a intenção, ficaria sempre má.

Associando-nos á censura fulminada pelo nosso illustrado cooperador contra uma campanha de pessima inspiração, é claro que não pretendemos, com isso, approvar nem reprovar o procedimento do estadista contra quem ella é assentada: pôde haver mal (e cuidamos que o ha) duma parte e doutra.

Nota da Redacção

viam exigir a uma e outra o cumprimento dos proprios deveres, para, depois que lhes fosse possível provar a honestidade do comportamento dellas, mostrarem que faziam a apologia de direitos firmados na honradez comprovada, ou que tinham em vista vencer os poderes publicos de que, contractando com uma ou outra companhia, entregariam o monopolio a entidade que saberia honrar e cumprir o pacto feito.

Entendemos que esta é a unica doutrina boa, patriótica, justa e, por consequente, credora de acceitação e de defesa.

O que ahi se faz é somente auxiliar potentados financeiros contra potentados financeiros, ou combater apaixonadamente homens ou entidades politicas, por espirito de adversa parcialidade.

Portanto, a panamazada existe já na discussão da adjudicação do monopolio, embora, mais tarde, exista tambem nas ultimas negociações do contracto, como certos jornalistas conselheiros e certos jornaes essencialmente mercantis querem.

Falta, todavia, na discussão e tramites da novação do contracto, o que ahi devia apenas dominar: seriedade e patriotismo.

Pobre pais! Infeliz povo!

C. R. de St.

«Mais offende a maledicencia do que a violencia».

### Explicações

Ha pessoas que se mostram ou fingem scandalizadas por termos lançado sobre a administração do concelho accusações tam graves. E mais scandalizadas se fingem na persuasão de que essas accusações sam feitas por um padre.

Um padre! Que padre! Essas pessoas fazem um conceito muito acanhado e estrambotico do caracter sacerdotal. Querem que os padres sejam como essas estatuas de pedra ou de bronze, que se encontram nas praças publicas, e que, embora na sua presença se commettam os crimes mais abominaveis, nem quebrem o seu profundo mutismo nem saem fóra da sua rigida immobillidade.

Não: esse conceito não é verdadeiro nem se pôde admitir. O padre deve interessar-se pela vida pública e social para apontar o caminho da justiça e verberar as iniquidades.

A's pessoas rectas e bem intencionadas temos a dar as seguintes explicações para desfazer equívocos ou mal-entendidos. O thema basilar dos artigos que aqui temos alinhavado, é o facto de, na administração do concelho, se exigirem e receberem emolumentos illegaes na tomada de contas de legados pios. Sobre

esse facto temos bordado os commentarios que nos pareceram adequados.

Mas, se o facto não fôr verdadeiro, já os commentarios não têm razão de ser. Os leitores que não forem destituídos de senso, facilmente percebem que, destruído o principal, destruído fica o accessorio.

Se o facto, sobre que apoiamos os nossos commentarios, desagrade a alguém, é preciso que esse alguém prove que elle não se deu nem se dá; e assim os commentarios que temos feito, em lugar de deprimirem as pessoas que temos alvejado, redundaram em sua honra e louvor.

De plano confessamos que temos empregado algumas phrases fortemente verberantes, talvez um pouco sangrentas; mas fizemo-lo muito de industria, porque condizem perfeitamente com a graveza dos abusos apontados e sam pontualmente verdadeiras.

Nunca tivemos pretensão de infallivel ou impeccavel; de bõamente reconhecemos que podemos ter caído nalguma falta reprehensivel ao alinhavar estes escriptos despretenciosos. Se alguém leitor tiver encontrado essa falta, muito nos obsequia apontando-no-la; e, logo que nos reconhecemos culpado, entoaremos promptamente o «*mea culpa*».

Com toda a sinceridade rogamos aos nossos leitores que nos apontem as regras da moral christã que por ventura tenhamos quebrantado nas accusações que temos feito á administração do concelho. Mas desde já declaramos que não admittimos uma especie de moral que por ahi está muito em voga, e que se equívoca com a dos phariseus. Os phariseus não se pejavam de opprimir o órphão, a viúva e o pobre, e scandalizavam-se com as curas que N. S. Jesus-Christo fazia nos dias de sabbado.

Nós não nos sujeitamos a outra moral que não seja baseada no Evangelho e nas determinações da Igreja.

Quem se tiver scandalizado com estes pobres escriptos, queira apontar-nos nalgum moralista da escola de Santo Aphonso as regras de moral a que tenhamos faltado. Não julgamos deshonroso vir a público dizer que nos enganamos ou que procedemos de leve.

Se por ventura offendemos injustamente a fama dalguém, estamos promptos a dar as reparações necessarias. E' possivel que tenhamos ultrapassado os limites da moderação e da prudencia.

Se pessoa auctorizada nos convencer disso, confessaremos a nossa culpa e nos penitenciaremos.

Dadas estas explicações, retomaremos o assumpto, que está muito longe de se esgotar. As pessoas que temos alvejado, bem sabem que ainda ha muito que dizer. Tenham paciencia, e vam ouvindo. Bem sabem donde partiu a provocação e como a têm acirrado.

Talvez julguem que temos fal-

tado à caridade; mas devem saber que um dos officios da caridade é castigar os que erram. Ver os abusos e calar é ser cúmplice nelles; ora nessa não caíremos nós.

P. A.

«Commettes a injúria que deixas impune».

## Carta do Porto

Annunciam os jornaes de grande informação que o governo projecta para breve uma reforma eleitoral. Folgamos com a noticia e mais folgaremos ainda se a nova lei corresponder ás necessidades do tempo e da nação.

Num país de intellectuaes, como o nosso, é licito esperar-se uma lei racional e justa, capaz de evitar para o futuro os males de que a vigente enferma. Nem outro motivo anima certamente o sr. ministro do reino. Como a experiencia porém demonstra, infelizmente, que nem sempre uma boa vontade ou uma illustrada intelligencia bastam para que uma lei saia boa, e sobre tudo correspondendo ás necessidades para que é creada, não achamos desproposito em lembrar aqui um plano eleitoral completamente novo.

A lei actual, baseada num profundo erro de origem, quer medir os homens por uma só medida — os direitos do cidadão sam iguaes. E logo legisla: todo cidadão português recenseado, etc., tem direito a dispôr dum voto. Por fórma que um operario, um lavrador, que muitas vezes não possui uns sapatos nem um par de meias, tem, perante a lei, tanta força e tanto conhecimento para a eleição dum ou de muitos deputados, como um ministro, um conselheiro, um general, um juiz, etc.

Isto, visto à face da imparcialidade, é espantoso. Um lente vale tanto como um analfabeto; um ministro de estado, como um cavador, que possui uma choupana de que paga uns tantos reis ao estado!

Esta lei podia tolerar-se, se os eleitores fossem tirados duma classe igual, como o sam os deputados no parlamento quando elegem o seu presidente, ou ainda como em Roma os cardiaes para elegerem o Papa. Mas numa eleição onde entram elementos de toda a ordem, ter tanto valor o grande como o pequeno, o homem formado com todas as categorias como o ignorante de todas as categorias tambem, é isto um absurdo legal, que convem e é necessario evitar-se. Ou o deputado lia de residir no circulo que representa, para poder ser conhecido dos eleitores ou estes não estam no caso de o elegerem, com consciencia do que fazem, como faculta a lei vigente. Urge pois tomar-se uma de duas medidas: ou o representante do circulo por que é eleito ahí reside habitualmente, ou o voto tem de ser muito diverso do que tem sido até aqui. Esta solução—a do deputado ser natural do circulo que representa—não é a que nos agrada mais, porque com um pouco de cálculo ainda se pôde fludir a lei. Votamos por uma lei de responsabilidade effectiva, onde o eleitor tenha obrigação de concorrer à urna sabendo o que faz. Sabendo o que faz, sim, porque uma grande parte dos nossos eleitores não sabe o que faz quando vai à urna; isto é do conhecimento de todos, é do dominio publico. E' facil aos factos confirmarem esta verdade: se o eleitor tivesse a consciencia do acto que pratica quando vai à urna, a sua represen-

tação não seria nada o que é; isto é evidente. E' uma necessidade portanto corrigir-se este defeito, tam pernicioso nas suas consequências.

Não falta, felizmente, capacidade ao sr. ministro do reino para o fazer, nem o seu partido carece de homens para que estudem e reformem fundamentalmente a lei. As grandes massas populares só se prestam à confusão; não é do critério do povo, considerado como tal, que ha de sair a salvação seja do que for; da multidão só se pôde esperar logicamente a confusão ou a anarchia.

O povo não sabe o que faz.

O voto para a eleição de deputados deve ser restricto e plural.

Restricto: Não é todo o homem de maior idade que tem direito de votar, porque isso facilmente faz com que deitem os defuntos, como agora acontece. Só deve ter voto quem lhe possa assumir a responsabilidade, e neste caso só achamos aquelles que têm um curso de instrução sufficiente e os que por qualquer titulo possuam rendimentos ou tenham negocios, de que o estado receba de vinte mil reis para cima.

Plural: As categorias existem e muito bem em todas as classes. Tudo as justifica. Antes de ser-se tenente no exercito é preciso ser-se primeiro alferes. Antes de se chegar a juiz da relação deve primeiro ser-se juiz de terceira, segunda e primeira classe. Isto observa-se em todos os ramos da actividade humana, menos no eleitoral. Pois não deve continuar assim. O cidadão com capacidade juridica para votar deve ter um voto; mas aquelle que a essa capacidade juntar uns certos annos na escola pratica da vida, esse deve ter mais que um voto. E assim, se tivéssemos de legislar, facultariamos um só voto a quem pagasse ao estado por motivo de capital, industria, etc. vinte mil reis; se pagasse cem teria dois. Todo o individuo que tivesse um curso, teria um voto. Os juizes de segunda e primeira classe, os officiaes do exercito de patente superior a capitão até general, os lentes de cursos superiores, os conegos capitulares, etc. teriam dois votos. Os generaes, os pares do reino, os juizes das relações, os ministros honorarios, os bispos, os presidentes das relações e supremo tribunal, etc., teriam tres votos. Os ministros de estado effectivo e os conselheiros de estado teriam quatro votos. Constituíndo assim o corpo eleitoral com obrigação indeclinavel de votar, com multas applicaveis a quem não concorresse à urna, tendo idade inferior a sessenta annos, a nação teria quem a representasse dignamente. E se o não tivesse, seriam disso responsaveis individuos a quem se poderiam pedir contas. Assim, pelo systema actual em que todo o mundo pôde ir à urna, nunca haverá uma eleição consciante, porque o povo não tem obrigação, nem pôde tomá-la, de saber o que deve ser e as responsabilidades que tem um deputado.

E' certo que as eleições municipaes não poderiam ser feitas por este recenseamento, mas isso não importava em nada; antes pelo contrario só haveria a lucrar, porque uma legislatura semelhante a esta applicada aos concelhos, tornava-os muito mais autonomos e senhores de si, do que sam e do que valem. As juntas de parochia tambem lucrariam com a sua lei propria que, a contento de todos, podia ser talvez a actual.

R. L.

«A innocencia é a felicidade do infeliz».

## As Bem-aventuranças Evangelicas postas ao alcance de todos

VI

### Quarta Bem-aventurança

«Beati qui esuriunt et sitiunt iustitiam quoniam, saturabuntur».

—«Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça, porque serão saciados».

A palavra «justiça» não tem aqui o sentido restricto que se lhe dá communmente em nossos dias: significa uma rectidão geral, uma completa integridade de procedimentos, uma bondade moral perfeita.

Entendida assim, a justiça representa a lei suprema da vida, isto é, a perfeição. Quando fallamos dum homem justo, entendemos por estas palavras um homem que cumpre em tudo os seus deveres.

Ter fome e sede significa um desejo vivo, insaciavel, uma aspiração continua da alma que tende sempre a subir mais alto nos caminhos do ceu.

Quem ha que não saiba de quanto é capaz a fome?—Ella triumphava de todos os obstaculos: é ella a que obriga a ave a sair de seu ninho e a aguia a deixar a crista das montanhas, expondo-se aos tiros dos caçadores; foi ella quem levou Abrahão ao Egypto, quem impelliu os filhos de Jacob para fóra da sua patria, quem levou a piedosa Ruth a entrar na planicie onde as espigas ondeavam doiradas.

Assim é que nos não devemos deixar descorçoar por nenhum obstaculo, que se nos atravesse no caminho da justiça.

Mas afinal que é a justiça?—Entendida no sentido ordinario do termo, é a virtude que nos leva a dar a cada um o que lhe é devido.

A respeito de quem devemos nós praticar a justiça?—Para com todos: mas primeiro para com Deus.

Na verdade, a justiça encerra em primeiro logar os nossos deveres para com Deus: exige que honremos a Deus com tudo quanto possuimos. «*Mea sunt omnia*» — «tudo me pertence» diz o Senhor; «*omnia mea tua sunt*» — «o que eu possuo pertence-te», responde santo Agostinho.

Nem uma palpação do nosso coração, nem um alento do nosso peito, que não seja de Deus.

Nem uma gotta do sangue que circula em nossas veias, que não seja dom de Deus.

Em Deus, diz o apóstolo S. Paulo, temos a vida, o movimento e o ser.

Se temos em nosso poder coisas que sam propriedade de outrem, em seu serviço as devemos empregar. O que vem a dizer que devemos servir a Deus com quanto temos, com quanto somos, porque tudo isso de Deus o temos. Assim o exige a justiça.

Este dever de justiça, que consiste em honrar, em servir a Deus, estende-se a cada um dos pensamentos da nossa alma, a cada um dos desejos do nosso coração, a cada um dos movimentos da nossa vontade, a cada uma das faculdades do nosso corpo e da nossa alma, a cada uma das nossas acções; devemos praticá-lo na alegria ou na tristeza, na boa saúde ou nos soffrimentos, na ventura ou nas tribulações, no contentamento ou na perturbação; o divino Salvador impõe-nos este mandamento, quando diz: «Amarás ao Senhor teu Deus com todo teu coração, com toda tua alma e com todas tuas forças».

Praticamos a justiça para com Deus, quando o glorificamos com todo nosso ser e com toda nossa vida.

«A religião é um negocio particular», dizem para ahí a cada pas-

so. Mas tal era a linguagem dos perseguidores dos primeiros seculos.

Os christãos podiam então orar em suas casas e nas catacumbas; mas aí delles, se apparecessem em publico! O gladio do carrasco, as torturas, as fogueiras, eiz a sua sorte.

A religião um negocio particular!... Mas não é ella o laço que nos une a Deus, como indica o seu nome? Como pôde ser que Deus, o Senhor do ceu, não tenha direito na terra?

O laço que nos une a Deus, ligamos tambem uns aos outros. Ora, quando os direitos de Deus sam desconhecidos, deixam de se respeitar os direitos dos homens.

Por isso é que a injustiça tem invadido o mundo por todos os lados. Desappareceu a confiança: a manha e a trapaça estam na ordem do dia; as relações de lealdade e fidelidade entre annos e servos já não existem.

Parece que toda a civilização se penetrou dum espirito de rebellião contra as leis de Deus. Que glorificação do vicio: na litteratura, no romanse, no theatro, por toda a parte emfim! Fazer da religião um negocio particular não é despojar Deus da sua magnificencia terrestre?

E do tudo o universo é producto do seu poder, o mundo é obra sua: não é o seu templo?

Ponhamo-nos inteiramente ao serviço glorioso de Jesus-Christo: cada um de nós, no logar que occupa, busque praticar a justiça para com Deus, fazendo respeitar os seus direitos e honrando-o, como elle quer ser honrado, não só com um culto interior e privado, mas tambem com um culto exterior e publico. Pois não chamou Deus a si senão os individuos? Não depende delle tambem a sociedade?

Tenhamos sim fome e sede de justiça sob todas as fórmas. Trabalhemos com todas nossas forças para fazer que reine a justiça primeiramente em nós, isto é, façamos respeitar os direitos de nossos irmãos: esforcemo-nos por prestar justiça ao operario, ao trabalhador; dêmos-lhe um salario justo, isto é, um salario conveniente, que lhe permita viver elle e a sua familia.

Penetremo-nos dos ensinamentos de Leão XIII na sua admiravel encyclica de *condicione opificum*.

Aos que trabalham com ardor pelo reinado da justiça neste mundo é que tocam as palavras do Salvador, ainda nesta vida, porque serão saciados.

«Bem-aventurados os que tiverem fome e sede de justiça, porque serão saciados», isto é, serão, ainda neste mundo, cumulados dos favores e das bênçãos do ceu; e mais tarde serão plenamente saciados pela visão beatifica, porque Deus se lhes mostrará com uma benevolencia mui especial. Poderam então repetir a palavra do psalmista: «*Satiabor, cum apparuerit gloria tua*»—«Senhor, nós seremos saciados, quando a vossa glória apparecer, sem sombra e sem nuvem».

(Continúa).

«Para um coração magnanimo o esquecimento é o remedio da injúria».

## SCIENCIA PRATICA

### Contra a tuberculose

Vimos no passado numero que a insufficiencia das receitas de alimentos e de ar é uma poderosa causa de deminuição na força

de resistencia do organismo ao bacillo da tuberculose: o mesmo resultado se obtem pelas exaggadas despesas do organismo, pelo excesso de trabalho.

Este estado observa-se nas pessoas cujo corpo está sujeito a trabalhos muito aturados, a fadigas que se repetem com nimia frequencia e não sam seguidas de repouso sufficientemente prolongado.

O trabalho corporal é uma poderosa causa de desassimilação. Sob a sua influencia os tessidos vivos parecem desagregar-se, como acontece à madeira ou carvão ao calor do fogo; e desta combustão resulta uma especie de residuo organico, comparavel ás cinzas duma fogueira: sam os *productos de desassimilação*. Ora estes productos sam substancias toxicas, como todas as excreções do corpo. Por isso não devem demorar-se no organismo, sob pena de nelle determinarem varias perturbações. Ha órgãos excretorios encarregados de eliminar do sangue taes productos. Mas, se os productos de desassimilação sam demasiadamente abundantes, os órgãos excretorios, os rins, a quem principalmente cabe a funcção da limpeza do organismo, sobressaltados por este trabalho suplementar e excessivo, cumprem-no com certa lentidão. O sangue vê-se, por consequencia, obrigado a vehicular os residuos, à espera que os rins os possam eliminar, o que determina accidentes de auto-intoxicação. O corpo humano envenena-se a si mesmo com os seus proprios productos.

O sujeito auto-intoxicado sente a principio cansaço, oppressão e, se é muito nervoso, algumas passagens palpações do coração e fastio; depois, algumas horas após o excesso de trabalho, prostração, peso de cabeça, dores vagas nos membros, algumas vezes febre.

A duração deste envenenamento do corpo pelos seus proprios residuos não costuma durar mais que um ou dois dias, depois dos quaes o organismo é purificado desta especie de cinzas que resultam das combustões e que as urinas eliminam. Mas durante todo este periodo o organismo está sob a accção duma perturbação funcional, que, por ser sem gravidade em si, nem por isso deixa de constituir uma predisposição para receber mais facilmente todas as influencias exteriores. A resistencia vital acha-se momentaneamente deminuída, o que cria uma excessiva receptividade para as doencas.

O remedio da fadiga é o repouso. E' preciso esperar que o sangue tenha voltado à sua composição normal para recommear o trabalho. Ha quem recorra ao *alcohol*, ao *tabaco* etc. para reanimar as forças. Ora isto é um erro grave, embora mui geralmente espalhado. Certo é que, após as bebidas espirituosas, o organismo se sente por um momento estimulado, como um animal a que se dêse uma chicotada; mas ao avivamento succede uma phase depressiva, em que o sujeito tem menos energia do que a normal. Pois donde veio aquelle passageiro accrescimento de força? Do alcohol?—Não, pois elle apenas obrou como estimulante. Veiu pois do mesmo organismo, que lhe ha de sentir depois a falta. E' porventura o chicote quem dá força ao cavallo? Decerto que não; mas obriga o animal a usar da propria força. Assim o alcohol e outros estimulantes, que tanto mal fazem, principalmente na classe operaria, pela illusão da força. Aquelle que, não fazendo caso dos protestos da natureza fatigada, emenda uns nos outros os dias de trabalho excessivo, torna-se um terreno admi-

# A Restauração

ravelmente preparado para o desenvolvimento dos germes mais maleficos. Por tanto o excesso de trabalho deve ser evitado com cuidado, mormente nas edades em que o organismo se desenvolve, sob pena de se formarem novos candidatos a tuberculose.

O mesmo resultado produz o excesso de trabalho cerebral. A fadiga do cerebro manifesta-se por phenomenos locais, pêsso da cabeça, cerebro dôrido, e por symptomas que attingem todo o organismo, perturbações geraes, que sam as mesmas que produz a fadiga muscular levada ao excesso. Aqui os excitantes valem... só para fazer mal: a fôrça de se sobreexcitar o cerebro com alcohol, tabaco, etc., consegue-se destruí-lo.

O remedio é ainda o repouso cerebral. E' um erro suppôr que o exercicio muscular serve em tal caso de restabelecer o equilibrio, pois antes é outra causa de fadiga. Recommenda-se todavia um exercicio facil e recreativo, não como remedio á fadiga cerebral, mas aos effeitos da sedentariedade. Este exercicio, feito ao ar livre, deve ser dalgum modo automatico e inconsciente, deixando o cerebro num estado de completa tranquillidade e indiferença. Constituirá, não o repouso cerebral, mas uma occasião de repouso.

Mas como determinar praticamente com precisão o ponto até onde a prudencia permite que se leve o trabalho?—Ha um meio pratico e seguro que quem quer pôde empregar, por pouco perito que seja em coisas de medicina: é a *inspecção diaria das urinas*. Todas as vezes que o trabalho houver de produzir fadiga, dará logar á emissão de urinas turvas; e este phenomeno produzir-se-ha, ainda que o trabalho seja bem moderado, se o sujeito está notavelmente enfraquecido. Portanto, se no dia seguinte a um dia de trabalho se vir que a urina vertida no dia anterior ao deitar não está turva, é porque a dose de trabalho que se fez na vespera poderã repetir-se sem receio de fadiga. Se, pelo contrario, o vaso da urina contém depositos de côr de tijolo ou esbranquiçados, isto indica que o trabalho foi forte demais e se não deve repetir para não exceder a resistencia do organismo.

citassemos o agraciado em tempo opportuno, levando-se-nos talvez a omissão á conta de menos consideração para com o rev. Padre Leite.

Devemos declarar, em homenagem ao nosso amigo, que tal omissão não foi devida á falta de consideração em que o tenhamos; antes pelo contrario. Pareceu-nos que semelhante graça era para o agraciado uma... desgraça, que lhe iria subtrahir do bolso umas tantas dezenas de mil reis, sem proveito de nenhuma especie, senão para quem a concedia.

Ha muito que temos opinião formada sobre graças desta especie: obtidas muitas vezes a rôgo da vaidade que se compraz em titulos sem significação e em trajos mais garridos, e distribuídas quasi sempre por gente incompetente para avaliar e premiar o merecimento dos agraciados, embora por vezes recaiam em sujeitos muito dignos, não sam documento authentico de segura abonação. Uma coisa sam sempre: rêde, com que, a pretexto de dar, os governos recebem gôrdos direitos de mercê.

Por isso é que taes graças, que podiam ser uma distincção, se fossem prudentemente distribuídas, se convertem numa ridicularia que deshonra o verdadeiro merito, e que homens despidos de vaidade, como julgamos o nosso amigo Padre Leite, só acceptam com sacrificio, por não terem, em sua honrade e boa fé, genio de ver uma tração em coisa nenhuma.

Ahi fica a explicação do nosso silencio. Para felicitar-mos o nosso amigo, não era preciso que do seu animo conciliador e pacifico viesse traço de obsêquio exigir mais esta prova.

## Preços dos cereaes

No mercado do último sabbado os cereaes venderam-se nesta cidade pelos seguintes preços:

Milho alvo . . . . .	880
Paíngo . . . . .	800
Centeio . . . . .	770
Milho branco . . . . .	780
Milho amarello . . . . .	760
Feijão branco . . . . .	15400
Feijão vermelho . . . . .	15100
Feijão amarello . . . . .	900
Feijão canario . . . . .	900
Feijão fradinho . . . . .	840

## EM GUIMARÃES

### Emprego-mercadoria

Os regatões da praça procuram vender os seus generos pelo maior preço possível; e para isso empregam todas as indústrias e artimanhas, dizendo que não ha generos melhores, que não ha quem os venda mais barato, que os preços subiram, etc. Do mesmo modo fazem alguns empregados publicos: consideram o emprego como uma mercadoria. E já torcendo os textos legaes, já inventando leis, elles é que marcam o quantitativo dos emolumentos, puxando-os ao limite que muito bem lhes apraz.

E' uma pouca vergonha.

### Capellão da casa real

Foi ha semanas nomiado capellão da casa real o nosso amigo, rev. Padre Antonio Mendes Leite, activo cura da freguesia da Oliveira.

Foi-nos estranhado que não felici-

praca, ao meio dia, revista da guarda nacional, digna de inspirar os pinceis de Cham ou de Charlet; e depois nos domicilios grandes banquetes e festins com ruidosas reuniões. Era a kermesse tradicional de todos annos.

O mais pobre operario, se não tinha gallinha na panela, como desejava o bom rei Henrique, tinha pelo menos um pedaço de presunto e o bolo de passas, pratos obrigados no país das kermesses.

A grande fazenda de Riandria foi theatro dum festim homerico; e os numerosos convivas, assentados ainda ao redor da mesa, campo de batalha onde não houve desertores, esperavam, de copo em punho, o momento de irem dar uma volta á feira, que se estendia em todo o comprimento duma alameda de tilias.

Lucia, a filha da casa, já vestida com o seu fato novo, parecia esperar com uma certa impacencia o signal da partida. Os seus olhares indolentes erravam em volta da mesa, parando com desdem mal disfarçado sobre os tios e os primos, que não acabavam de discutir os preços dos azeites e a última tarifa dos trigos. Lucia, no meio daquelles rostos corados pelo ar, queimados pelo sol, enrugados pela faina do campo, parecia uma linda flor campestre desabrochada em moita de espinhos; porque Lucia tinha sido creada na cidade e recebera uma educação fina. Tinha ella o aspecto, o gôsto e as ideias de quem não deve conhecer senão trabalhos faceis ou muito descanso. Era o idolo de sua mãe, que, tendo passado a vida num rude labutar, regalava-se de ver agora a filha sem fazer nada, a *nossa menina*, como ella dizia. A boa mãe reparou finalmente no enfado que a filha estava sentindo:

—João Baptista, disse ella dirigindo-se ao marido, não será tempo de Lucia ir ver a feira?

—Pois sim, vamos lá... E tu, mulher, vens tambem?

—Estás aviado! e as vacas, e as gallinhas? Tu pensas, João Baptista, que eu me hei de fiar nas criadas? Num dia como hoje anda-lhes a cabeça ás rodas, e até seriam capazes de deitar o leite nas vasilhas sem as lavarem.

E a activa fazendeira, depois de dar graças, pôs o seu avental de riscado azul sobre o vestido de seda, e começou a migar pão para a criação, enquanto Lucia punha um chapéu de palha e um casaco de seda.

—Pai, disse ella, eu estou prompta.

—E tu vais sem ter um real na algibeira?

—Oh! meu pai, isso é comsigo.

—Vem ver então o que eu te poderei dar.

A jovem encostou-se ao ombro do velho fazendeiro, que, tirando lentamente uma bolsa de coiro e abrindo-a, tomou uma moêda de ouro nova e brilhante, fazendo-a luzir entre os dedos.

—Para mim, disse ella.

—Sim, eu pu-la de parte no último mercado de Lille. Os cereaes venderam-se bem, e quem lucra é tu.

—Obrigada, meu pai!

Lucia beijou sua mãe, tomou o braço do fazendeiro, e rodeada pelos primos e primas encaminhou-se para o campo da feira.

O tumulto crescia á medida que se approximavam daquelle lugar de delicias. Os gritos dos camponios que disparavam o arcabuz ou a besta eram abafados pelo grande tambor do charlatão e verbosa eloquencia dum palhaço que estava de pé fazendo piruetas.

Finalmente descobriram as barracas, e logo as jovens se puseram a correr extasiadas de loja em loja; do ourivez ao mercador de pannos, do vendedor de lithographias e estampas ao vendedor de mil engenhosos brinquedos. Lucia ia pensando na sua moêda de ouro e em que coisas a havia de gastar. Comparava a pulseira dourada que tinha visto ha pouco, com o lindo corpete branco, que balouçava com tanta graça; ou a caixa de costura imitando chorão, e sentia-se indecisa, quando algum lhe tocou brandamente no braço.

—Volto-se e viu a seu lado uma camponesa, sua amiga de infancia, filha unica duma rendeira pobre.

—Lucia, disse ella em voz baixa, parece-te que o mercador me dará aquelle chálito por esta moêda de prata?

E apontava para um pequeno chale de lá vulgar, mas muito melhor do que o lenço velho e desbotado que lhe cobria os ombros.

—Pudera não! Theresa, parece-me que dará... mas pergunta-lho tu.

Theresa olhou hesitando para a moêda de dois francos que tinha na mão, e sorrindo disse:

—Vou consultar minha mãe.

—Pois vai!

E Lucia ficou-se a rir, enquanto a pequena se afastava a bom correr.

—Então! por qual te decides, Lucia? disse-lhe o pai. Não te tentas com este lindo ramo de flores artificiaes?

—Não compras queijadas?

—Olhe, pai, eu queria aquella pulseira que vimos ha pouco...

—Pois gabo-te o gôsto! A pulseira de latão! Eu não quero coisas falsas em minha casa.

Lucia baixou a cabeça, nòvamente indecisa, e pôs-se a pensar no lindo corpete branco enfeitado com *guipure* e velludo preto. A razão dizia-lhe: Tu não precisas delle, o vertigo está a acabar... e será uma despesa inutil: mas a phantasia replicava: Elle é tam lindo, e faz tanto appetite... Compro, não compro... Venceu por fim a phantasia, e Lucia recebeu o corpete em troca da sua moêda de ouro.

Dois meses depois, no dia de Todos os Santos, acabados os officios divinos, os fieis da aldeia de B... retidos no portico da igreja, olhavam uns para os outros com cara de tedio, á espera que passasse a chuva fina e gelada, que caia sem interrupção, augmentando a melancolia dos sinos que dobravam a finados.

Os mais valentes acabaram por se arriscarem á chuva; e dentro em pouco não ficaram debaixo do portico musgoso, senão as duas raparigas: Theresa e Lucia. Lucia estava coberta com uma boa capa, mas Theresa parecia tremer de frio com o seu lenço velho, o mesmo que ella trazia no dia da feira.

—A chuva não pára, disse emfim Lucia, mas eu tenho um guarda-chuva; o melhor que tens a fazer, Theresa, é ir commigo até casa: enxugas-te um pouco ao nosso lume, e depois eu mandote acompanhar pelo pastor velho, que levará uma lanterna porque o caminho está mau... Queres vir?

—Sim, Lucia; não faço falta a minha mãe, porque a prima Mariana está lá fazendo-lhe companhia, e rezará ambas o terço pelas almas do purgatorio, enquanto eu não chegar.

—Então vem!

E as duas jovens, abrigadas debaixo do mesmo guarda-chuva, encaminhar-se por entre as trevas crescentes, que mal lhes permittiam seguir o escabroso caminho. Lucia deu-lhe o braço, mas, sentindo tremer o da sua companheira, disse-lhe:

—Tu tens frio, Theresa?

—Um pouco... mas não é nada!

—Já chegamos! vê as luzes? Vamos já enxugar-nos. E' tam bom aquecer-se a gente ao lume, quando chove lá por fóra!

Cinco minutos depois accommodavam-se na sala grande ao pé dum bom lume, e Lucia então, olhando para a sua amiga mais attentamente, disse-lhe de repente:

—Mas como é que num dia de festa como hoje e com uma chuva destas, tu não puseste o chale que compraste na feira?

—Final eu não o comprei, respondeu simplesmente Theresa.

—Por que não?

—Ora... porque não...

—Vamos, Theresa, eu conheço-te muito bem. Alguma razão houve que tu não queres dizer! Tua mãe não te deixou...

—Minha mãe! pobre mãe! Ella bem queria que eu o comprasse.

—E tu tinhas dinheiro para isso?

—Sim, dois francos.

—E depois?

—Depois... gastei-os doutro modo.

—Oh! minha Therésinha, disse Lucia acariciando-a, conta-me o teu segredo, porque eu estou morrendo por sabê-lo.

—Vais ver que não é nenhum grande segredo. Eu to conto.

No dia da feira a minha mãe deu-me dois francos; o que era muito para nós, porque bem sabes, Lucia, que não somos ricas, e quanto custa a minha mãe pagar a renda quando chega o Natal e o S. João. Eu estava por um triz a comprar o chale, mas primeiro quis consultar minha mãe, que approvou, e, quando eu ia sair, disse-me:

—Olha, filha, antes que voltes á feira, leva este pão e este cesto com batatas, a casa da viúva Estanislaou. Hoje é dia de festa para todos, e pôde ser que ella não tenha nada para jantar... corta o coração tanta miseria!

—Obedeci; peguei no cesto e fui a casa da viúva Estanislaou. Lembras-te, Lucia, que esta mulher veiu para a nossa aldeia ha já alguns meses, depois da morte do seu marido? Coitada, esperava encontrar aqui trabalho e viver com mais algum remediozinho; mas não encontrou senão maior miseria... Quando lhe entrei em casa, estava assentada com sua filha Catharina entre as quatro paredes quasi nuas... Nada sobre a mesa... nada ao lume... nem lume havia... nada no armario... Ambas estavam de braços cruzados, como em dia santo, e mais tristes, mais abatidas do que depois dum grande trabalho...

—Trago isto da parte de minha mãe, disse-lhes eu, pousando o cesto com as batatas e a borôa de pão muito bem cozido.

A viúva olhou para tudo isto, depois para a filha, e desatou a chorar, dizendo:

—Sempre jantaremos hoje, louvado seja Deus!

—O que! exclamei eu, pois ainda não tinham jantado?

—Então que queres, Therésinha? quando não temos trabalho, não comemos, disse Catharina baixinho.

—Quando não têm trabalho, não comem?... Que horror!

E desatei tambem a chorar sem querer.

Depois Catharina exclamou:

—Se eu tivesse o que vi ha pouco na feira, poderia trabalhar sempre e poderíamos viver.

—O que foi que viu então?

—Um bastidor, um bastidor para bordar... Eu aprendi a bordar em Bailleul com as Irmãs da Caridade, e aprendi tambem a coser; e se eu pudesse levar uma amostra dos meus bordados ás lojas da cidade, estou persuadida que me dariam trabalho.

—E esse bastidor custa muito?

—Talvez um franco, pouco mais ou menos... Seria uma fortuna para mim... Mas quem nos quereria emprestar essa pequena quantia a nós, pobres e desconhecidas?

Olha, Lucia, enquanto ella assim fallava, a moêda de dois francos que eu tinha na mão, parecia que me queimava, e eu dizia commigo: «Não é melhor terem estas creaturas de Deus o seu bocado de pão do que ter eu um chale novo?». E sem me poder conter por mais tempo:

—Tomem lá, disse eu, aqui têm dois francos; comprem o bastidor, o algodão, tudo o que precisem; e pão para amanhã...

Depois, sem lhes esperar os agradecimentos, abalei o mais depressa que pude, e como sentisse uma impressão muito forte, entrei na igreja para rezar um momento. Tinha chorado primeiro com dô das duas infelizes, na igreja chorava com satisfação deante do Santissimo Sacramento, que ali estava solitario, abandonado, enquanto os christãos se divertiam na feira.

Quando voltei a casa contei tudo a minha mãe, que me queria afogar com abraços... E aqui tens, Lucia, por que foi que eu não comprei o chale.

—E Catharina, disse Lucia, muito preocupada, Catharina saíu-se bem?

—Pudera! Catharina trabalha perfeitamente! No seu bastidor, com algodão azul, branco e vermelho pôs-se a bordar lindos desenhos sobre linho; e levou-os aos camiseiros de Bailleul, que lhe deram immediatamente trabalho. A mãe cose as blusas e as camisas, e ella borda-lhes os peitilhos e os collarinhos á moda da nossa provincia. Por signal que, algumas semanas depois, lá lhe foi preciso tomar uma aprendizagem; depois duas, depois quatro, e agora tem uma verdadeira officina... e sabe guardar a sua gente em ordem. No domingo leva as pequenas á missa, ás vesperas, e depois diverte-as em casa lendo-lhes bonitas historias, cantando hymnos; rezam... e tambem brincam. Todas as costureiras estão contentes... A viúva Estanislaou é feliz, como uma rainha, e Catharina, como uma santa!

—E os dois francos ella não tos pagou já?

—Pagou, sim... mas eu não tenho sorte... A velhinha Maria, nossa vizinha, deu-lhe para se constipar; foi preciso comprar lambedor... e lá se foi outra vez o dinheiro! Mas agora estou pensando seriamente na maneira de economizar alguma coisa para poder ter um chálito novo para o Natal.

Neste tempo a fazendeira, que se tinha approximado e ouvido o dialogo, disse dirigindo-se a Lucia:

—Theresa tem mais juizo do que tu, filha; a sua moêda de prata valeu muito mais do que a tua moêda de ouro.

—E' verdade, mãe: diz muito bem! Em que empreguei eu o meu dinheiro? no corpete branco, que era inutil: por signal que nunca o vesti. E tu, Theresa!... ficaste contente?

—Não posso negar que me sinto feliz, quando me lembro de Catharina.

—Eu tambem daqui por deante quero ser feliz á tua maneira, minha boa Therésinha; tu vais ajudar-me com os teus conselhos, e ensinar-me o valor que pôde ter neste mundo uma pequena moêda de prata bem empregada.

—Que alegria, pensou a rendeira: agora é que a *nossa menina* vai ser uma perfeição!

D. V. B. de O. M.

## ANNUNCIOS

### Quem perdeu?

Num dia do mês de junho do anno findo, achou-se um veu de senhora, na estrada da freguesia de Brito. Entrega-se a quem provar que lhe pertence.

Fallar nesta redacção.

## Noticias várias

—Falleceu a snr.<sup>a</sup> D. Rosa Roriz, mãe do snr. José Pedro Roriz e avô do rev. Padre Gaspar Roriz. A familia enlutada os nossos pêsames.

—No dia 22 do corrente á noite haverã uma conferência no Circulo Catholico de Operarios.

—Falleceu no último sabbado, na freguesia de Guardizella, o snr. Julio de Araújo Machado. Deixou 500\$000 reis para construção do cemiterio parochial, 800\$000 reis para ajuda da sustentação duma missa celebrada nos domingos e dias santos na egreja parochial, e 100\$000 reis para serem distribuídos pelos pobres: tudo para aquella freguesia.

## LITTERATURA

### A moêda de ouro e a moêda de praça

O dia 8 de setembro, Natividade de Nossa Senhora, era dia de grande festa na linda aldeia de B... situada entre Bailleul e Cassel. De manhã, na igreja houve missa cantada com musica; na

# Curso de Economia Social

PELO

R. P. Ch. Antoine, S. J.

LENTE CATHEDRATICO NA UNIVERSIDADE CATHOLICA DE ANGERS

Vertida em portuguez

PELO

Presbytero Miguel Ferreira de Almeida

Doutor na S. Theologia e Direito Canonico, Conego Honorario da S. Basilica do Loreto com honras de Familiar e Commensal do Papa, Capitular do Sé de Vizeu, Secretario Geral da Congregação universal da Santa Casa do Loreto em Portugal, Condecorado por Leão XIII com a Cruz de ouro de 1.ª classe "pro Ecclesia et Pontifice" e redactor da "Revista Catholica".

E' por todos sabida a importancia cada vez mais extraordinaria da grande e espantosa questão social, que, desde ha muitos annos, absorve as attentões dos governos, tanto das nações mais humildes, como das de primeira ordem.

A esta questão prendem-se os mais altos interesses, não só politicos, economicos e sociaes, mas até mesmo religiosos. Sem bem sabidos os esforços que Leão XIII empregou, durante o seu longo pontificado, para dar-lhe uma solução harmonica com os direitos da justiça e da caridade.

Quantas e quantas vezes não só nas Encyclicas memoraveis, mas tambem nos seus discursos e allocuções, se occupou desta questão gravissima, inquestionavelmente a primeira de todas as que absorvem a attenção da Igreja e dos Estados?

E, todavia, em Portugal, só desde ha tem poucos annos é que a imprensa se bem della occupado, e pouco, bem pouco, na verdade, se tem escripto sobre esta grandiosa questão, de todas a mais candente e monumental.

Desde ha muito que andavamos premeditando a publicação duma obra em que ella fosse tratada scientificamente e magistralmente, em toda a sua profundidade e ramificações multiplices.

Tinhamos conhecimento de várias obras, mais ou menos volumosas, mas bem poucas nos satisfaziam completamente. Umam eram nimiamente resumidas, e isto o maximo numero, outras nimiamente volumosas. E assim nos achavamos embaraçados na escolha.

No meio da nossa indecisão escrevemos a um nosso douto amigo de Roma, que vive no meio sabio daquella cidade, para que, depois de ouvir a opinião de pessoas competentes, nos indicasse a que melhor conviria ao nosso meio.

E este nosso doutissimo amigo aconselhou-nos a traducção em portuguez do *Curso de Economia Social*, do R. P. Ch. Antoine, S. J., lente cathedratico da Universidade catholica de Angers.

Lemos com vagar esta douda obra, e, quanto mais lemos, mais nos convencemos da optima preferéncia que, entre todas lhe deu o nosso amigo de Roma.

Ella é o fructo das lucubrações do douto cathedratico da Universidade catholica de Angers, o qual, encarregado de ensinar a complicadissima e vasta sciencia de economia social, conseguiu reduzi-la ao methodo scientifico, com grande proveito dos academicos.

O plano da obra, apesar de não muito volumosa, é vasto, as materias apresentam-se methodicamente coordenadas, e, apesar de scientifica no seu fundo, é clara, essencialmente pratica, que é o que mais importa.

Derrama jorros de luz sobre todas as questões multiplices que dizem respeito a economia social, que hoje apresenta um aspecto todo differente do que era nos tempos passados, em razão da revolução immensa que os machinismos modernos vieram introduzir nas industrias, no commercio, e no meio social.

Numa palavra, esta obra não é sòmente util, mas de absoluta necessidade para todas as pessoas illustradas, seja qual for a sua profissão; o rev. clero e os catholicos precisam de estudá-la para saber a orientação que devem seguir no meio do labyrintho de opiniões encontradas, e muitas dellas falsas, de que o socialismo e anarchismo faz larga propaganda.

A razão que nos leva a dar publicidade a esta obra monumental, que será cuidadosamente revista, é a certeza de que prestamos um valiosissimo serviço, não só á Igreja, mas á propria sociedade civil, que tanto precisa ser elucidada sobre a questão capital que a todos interessa.

Se nos fosse licito, especialissima recommendação fariamos della aos Seminarios, onde o ensino da economia social se torna duma urgencia summa, attentas as circumstancias do nosso tempo. Para texto não se encontrará compendio mais nas condições, a que nada falta nem o methodo nem a clareza nem a substancia.

## Condições da assignatura

Esta obra constará de dois volumes, magnificamente impressos em bom papel e distribuidos ás cadernetas de 80 paginas pelo preço de **160 reis**, pagos no acto da entrega.

Todas as pessoas que angariarem 10 assignaturas e se responsabilisarem pelo seu pagamento, têm direito a um exemplar gratis; angariando 15, dois.

Toda a correspondencia deve ser dirigida a Alfredo Paes Pereira dos Santos, administrador da Empresa da *Revista Catholica* — Vizeu.

## O Divorcio

Refutação historica, juridica e philosophica dum projecto desastrado dum deputado infeliz, pelo antigo redactor da *Ordem* e professor de sciencias ecclesiasticas no Seminario de Lamego

Mgr. ALMEIDA SILVANO

Preço da obra 500 reis. Pelo correio accresce o porte de 30 reis.

Vende-se:

No Porto — Livraria Popular Portuense, largo dos Loyos, 44, e na Chapelaria Costa Braga, rua de Santo Antonio.

Em Braga — Livraria Escolar, e na redacção do *Commercio do Minho*.

Os pedidos feitos a esta redacção promptamente seram tambem satisfeitos, quando acompanhados da respectiva importancia.

## Nova Agencia

DE

# Negocios eccleziasticos

SOB A DIRECÇÃO

DE

GERMANO DA SILVA

Solicitador official da Camara Patriarchal

Encarrega-se de todo e qualquer despacho ecclesiastico dependente das camaras ecclesiasticas portuguezas, Nunciatura, Roma ou de qualquer dos Ministerios.

Trata de cartas regias, dispensas matrimoniaes, processos ou dispensas para ordenações e de qualquer negocio congenere com a maxima ligeireza e economia.

Praça do Municipio, 32-2.º  
**LISBOA**

## As Terras de Valdovés

MEMORIAS HISTORICAS E DESCRITIVAS DO CONCELHO DOS ARCOS DE VAL DE VEZ

Por José Candido Gomes

Condições de publicação.—Todos os cavalheiros que aceitarem o 1.º volume com declaração de assignatura receberão a obra toda á razão de 200 réis cada volume nesta villa, e mais 50 réis fora d'ella quando a cobrança seja feita pelo correio.

O volume avulso 500 réis. Recebem-se ainda assignaturas pagando os dois primeiros volumes á razão de 500 réis.

Assigna-se e vende-se na TYP. MINERVA VIMARANENSE, rua de Payo Galvão—Guimarães e em casa do auctor no Logar de Valverde—ARCOS DE VAL DE VEZ.

Pedro Scavini

## THEOLOGIA MORAL UNIVERSAL

Edição unica e completa em Portugal

Está já completo o 1.º volume da segunda edição portugueza da importantissima obra de Scavini—*Theologia Moral Universal*—revisita e augmentada sobre a decima sexta e ultima edição latina, pelo Conego J. M. Rito e Cunha, professor de sciencias ecclesiasticas no seminario de Vizeu.

Um grosso volume de 854 paginas, com o retrato do auctor, brochado, 2\$000 reis.

Continua aberta a assignatura por cadernetas ou volumes.

Pedidos ao editor e proprietario José Maria d'Almeida — Rua Grão-Vasco — Vizeu.

ACABA DE SE PUBLICAR

NOVO COMPENDIO

DE

## HISTORIA UNIVERSAL

Contendo a historia antiga, da idade media, moderna e contemporanea

PELO

PADRE ANTONIO MANUEL DOS RAMOS

Professor do Seminario dos Carvalhos

2 volumes..... 1\$500 reis

Deposito geral: LIVRARIA PORTUENSE de Lopes & C.ª, rua do Almada, 119 a 123 — Porto.

# OS CENTROS NACIONAES

PELO

DOM PRIOR

Manoel d'Albuquerque

Vende-se esta obra em casa do sr. Manuel Joaquim d'Oliveira Bastos—R. de Payo Galvão.

Preço 300 réis.

## Confeitaria Fernandes

Largo da Oliveira

AZEITE LEGITIMO DE MONCORVO.

Especialidade em generos de mercearia e confeitaria: sonhos, tortas, sardinhas de doce, morcellas feitas pelo systema de Arouca, pão de ló fabricado pelo systema de Margaride, toucinho do ceu de primeira qualidade, caixas de fructas crystallizadas com enfeites, proprias para brindes, etc.

O proprietario recebe encomendas de doce de prato, respondendo pela perfeição e aceio do seu trabalho.

PREÇOS CONVIVATIVOS.

## DICCIONARIO APOLOGETICO DA FÉ CATHOLICA

Em que se contém as principaes provas da verdade da religião e as respostas ás objecções tiradas das sciencias humanas

POR

J. B. JAUGEY

Presbytero e doutor em Theologia

Com a collaboração de grande numero de sabios catholicos

TRADUZIDO DA 3.ª EDIÇÃO FRANCESA

POR

GOMES DOS SANTOS

Redactor do "Correio Nacional,"

Com auctorização do Ex.º e Rev.º Sr. D. Antonio, Bispo do Porto

Assigna-se no escriptorio do editor Antonio Dourado, rua das Flores, 42 — 1.º andar — Porto.